

MEMÓRIAS E ARTEFATOS PARA CONSERVAÇÃO BIOCULTURAL EM TERRITÓRIOS: REFLEXÕES SOBRE PROCESSOS EDUCACIONAIS

Flávia Mendes de Andrade e Peres

flavia.peres@ufrpe.br

<https://lattes.cnpq.br/2493398194909644>

Lorena Pia Medina Morales

lmolina@uc.cl

RESUMO

Os diversos territórios estão cada vez mais marcados por processos de significação que tendem à homogeneização biocultural, ampliando-se padrões sociais hegemônicos, em detrimento da diversidade biológica e cultural. Neste artigo, os conceitos de artefato e memória biocultural são postos em diálogo para ressignificar o lugar do corpo nos territórios, nas relações de humanos como co-habitantes de territórios diversos. Esses aspectos conceituais podem desdobrar-se em práticas contemporâneas para conscientização, conservação e valorização ética da diversidade biocultural. Dessas reflexões, indicamos orientações para contextos educacionais formais que integram individualidade/subjetividade, sociedade/alteridade e natureza/cultura.

Palavras-chave: Memória biocultural; Artefato; Ética biocultural

No presente artigo, com desdobramentos possíveis a tendências contemporâneas da psicologia de abordagem histórico-cultural, propomos aprofundar o conceito de memória biocultural apresentado por Toledo y Barrera-Bassols (2015), relacionando-o com o conceito de artefato. Buscamos evitar reduções antropocêntricas e abarcar a complexidade das nossas relações como sujeitos ativos constituídos socialmente, criadores de cultura e, no entanto, ao mesmo tempo, animais históricos, em territórios marcados por significados. Com um olhar sistêmico e complexo da ética biocultural (ROZZI, 2016) aos contextos, torna-se possível valorar as ligações vitais entre Hábitos, co-Habitantes e Habitats (modelo dos 3H), para nos reorientarmos desde processos sociais de homogeneização biocultural para a conservação da biodiversidade nos territórios.

A Homogeneização biocultural, conforme compreendemos, é a “extinção da experiência” diretamente com o próprio território e a perda da diversidade biocultural (CELIS-DIEZ, 2017; TAURO ET AL., 2021). Desse ponto de vista, diversidade cultural está ligada fundamentalmente à diversidade biológica, tendo reflexos desta. Ou seja, há uma complexidade dinâmica que vem deteriorando subsistemas inteiros em um acelerado movimento de homogeneização biológica, normatizado o poder de grandes corporações e

industrialização que, simultaneamente no processo histórico, induzem à homogeneização cultural.

Entendemos que o fio de Ariadne para sair do labirinto complexo da homogeneização biocultural é composto de artefatos, como produções humanas carregadas de significados, que medeiam a nossa forma de sentir, representar a realidade e agir. Em nosso desenvolvimento como espécie e como sujeitos únicos, fomos socialmente elegendo alguns desses mediadores, no repertório de artefatos existentes, ou ainda construindo novos, com maior ou menor força segundo necessidades e afetos nos territórios. Infelizmente, o resultado foi um modelo hegemônico de supervalorização da industrialização e do capital, como fenômeno global típico da contemporaneidade, em detrimento de outros modelos. Seguir este fio de Ariadne é tornar visíveis conhecimentos, espécies, paisagens, artefatos que foram invisibilizados ou esquecidos. Isso implica resgatar a memória biocultural para incorporação de novos hábitos nos territórios.

Quando recorremos à explicação mitológica e usamos a metáfora do fio de Ariadne para aludir a um problema de solução complexa que poderia ter outras saídas, não cessamos de refletir sobre o processo de mediação existente na transmissão dessas explicações mitológicas. Como transmissões de linguagem para explicar a realidade, os mitos e sua carga simbólica são tomados como artefatos, ou seja, produções histórico-culturais que têm uma função mediadora de ações, mais que uma função meramente comunicativa. No processo de memorização e explicação de histórias da mitologia grega, é interessante pensar que sua narração é imprescindível para se criar, regular e manter o modelo de vida social grega. Dito isso, queremos destacar a importância que a memória assume não apenas na Grécia, mas em todas as sociedades.

Esse mesmo mito nos serve como ilustração para o fato de que, desde uma outra cosmovisão, outras narrativas mitológicas poderiam nos fornecer metáforas para o que acabamos de ilustrar, com impactos sobre as subjetividades daqueles que as compartilham e usam como mediação para suas ações no mundo. Logo, gostaríamos de enfatizar, para os fins que abordaremos neste artigo, que o conhecimento emergente das condições histórico-culturais funciona, isto sim, como artefato, seja o conhecimento desenvolvido no cotidiano de territórios diversos, a partir de mitos e outras produções, seja o conhecimento

científico, a partir de suas bases na história da civilização ocidental, a conferir mediações sobre a realidade. Aqui nos interessa as explicações sobre origem, ordem e natureza dos ecossistemas, seus hábitos e co-habitantes no processo de habitar.

Entre as culturas apresentadas por Callicot (2017) em seu livro *Cosmovisiones de la Tierra*, é muito interessante ver a ligação simbólica vital do povo Kayapó (Mebêngôkre), que vive ao longo do curso do rio Xingu, em terras brasileiras, com a natureza. Suas atividades de preparar o solo e plantar sementes são atos cerimoniais ao mesmo tempo que pragmáticos (p. 225). Isso porque, nas práticas desses povos, é impossível separar os atos do xamã ao determinar os momentos de cortar, queimar e plantar, dos processos naturais como o florescer de árvores, o movimento de peixes e outros animais, a posição das constelações. A agricultura é apenas parte de um todo mais complexo carregado de significados.

Resgatar conhecimentos que explicam a relação natureza-cultura sob a regência de povos originários é alcançar a memória biocultural, da qual falamos Toledo e Barrera-Bassols (2015). Entendemos que recordar é parte fundamental de um caminho que leva à conservação da diversidade biocultural. A outra parte do caminho se faz com explicitação e reincorporação dessas memórias na atualidade, para geração de novos artefatos, convergentes com relações harmônicas socioambientais.

Assim, um desafio às práticas educativas diria respeito à utilização de novos conhecimentos aprendidos desde o resgate das memórias bioculturais, incluindo algumas que poderíamos abordar como memórias bioculturais implícitas, e sua explicitação, ou seja, a capacidade de usar funcionalmente esses conhecimentos nos territórios, comunicá-los e favorecer novas mediações, ao torná-los artefatos compartilhados nas interações. Nas concepções e teorias implícitas que fundamentam as práticas educativas no ensino da gramática, um desafio apontado por Medina (2002; 2005; 2014) foi justamente a explicitação e o uso funcional dos conhecimentos. Entendemos que essas ideias ganham novos contornos quando falamos de transmissão ou compartilhamento dos conhecimentos dos povos tradicionais, considerando-se que muitos desses conhecimentos se dão em um fazer corporificado que pode resultar em uma dificuldade dupla de explicitação: tanto pelos seus guardiões, quanto pelos aprendizes nas novas gerações.

Neste artigo, abordamos aspectos conceituais que se evidenciam nessa discussão, iluminando processos educacionais em diferentes instâncias, em movimentos históricos que subjazem aos processos mnemônicos relacionados à vida na Terra.

MEDIAÇÃO, ARTEFATOS E MEMÓRIA NA PSICOLOGIA HISTÓRICO CULTURAL

O biológico e o cultural sempre encontraram uma relação importante nas ideias da abordagem histórico-cultural em psicologia, desde suas bases originais, nos estudos de Vigotsky, Leontyev e Luria, do início do século XX. Estes sustentam que o fenômeno psicológico deve ser compreendido nos processos de sua gênese, formação e transformação no tempo (VIGOTSKI, 1994; OLIVEIRA e REGO, 2003; MARCISO E VALSINER, 2018). Existem muitas dimensões do tempo irreversível que se cruzam nas atualizações de cada sujeito, atravessados que somos por uma dimensão de nossa história no tempo das espécies, mas também da história de cada ser humano, com desenvolvimento único, em sociedade.

Essa abordagem realça, assim, a linguagem como um aspecto nuclear no processo de constituição do humano enquanto tal, sendo o laço entre o psicológico e a cultura atado através dos significados (POZO MUNICIO, 2001). Entendemos que há uma complexidade biocultural que envolve os significados na materialidade corporificada dos sujeitos, nem sempre enfatizada nos estudos desenvolvidos desde as bases da escola de Vigotsky, embora tendo neste autor elementos para aprofundarmos essa ideia.

Ou seja, ainda que o fenômeno psicológico, desde uma abordagem histórico-cultural, devesse ser visto como uma totalidade de dimensões complexas, muitas interpretações mantêm-se sob égides de ênfases específicas para explicar o desenvolvimento humano e acabam por focalizar um polo ou outro do fenômeno, perdendo o todo. Quando explicam que nossas ações no mundo são mediadas e não diretas e imediatas, por exemplo, podem perder de vista o papel do corpo nas interações sociais, e como este corpo vai se constituindo como humano, em encontros emocionais e afetivos que nos envolvem em gêneses biológicas tanto quanto culturais. Como luz e sombra, não beneficiam a dialética entre a dimensão cultural e as outras temporalidades que perpassam o humano: da espécie (filogenética), do indivíduo (ontogenética), da cultura (sociogenética)

e da singularidade qualitativa que faz com que cada subjetividade seja única (microgenética).

O conceito de mediação através de artefatos é um dos eixos centrais das análises dos fenômenos psicológicos à luz da psicologia histórico cultural, juntamente com o desenvolvimento histórico e a atividade prática (PIZZINATO, 2010). Nessa direção nas ciências psicológicas, Cole (1995; 1999) enfatiza a produção, acumulação e transformação histórica de artefatos, e reforça tanto a natureza social dos processos psíquicos, quanto a origem social dos artefatos. Assim, distingue entre: *artefatos primários*, que são os instrumentos e objetos materiais; *secundários*, os esquemas e normas sociais; e *terciários*, que são representados pelos *scripts*, conjuntos de atividades ou sequências de ações que tendem a ser executadas por membros de um grupo cultural, de certa forma, usando artefatos primários (como objetos) e secundários (como regras). Assim como os outros tipos de artefatos, os *scripts* são compartilhados entre sujeitos, com a especificação de orientar os membros do grupo sobre o que é esperado em diferentes situações. Assumimos esse conceito de artefato, embora problematizando-o, a fim de realçar aspectos da relação natureza-mente-cultura embutidos no mesmo.

Muitos estudos foram empreendidos por Vigotsky e seu grupo sobre as relações entre as diversas funções psicológicas e o uso de artefatos (VAN DER VEER E VALSINER, 1999). Entre essas funções, a memória nos chama atenção para os fins de diálogo com o conceito de memória biocultural. A memória tem fundamental importância pois permite o armazenamento da experiência passada como via de sustentação para futuros possíveis de desenvolvimento, não só do indivíduo, mas da sociedade, em conhecimentos materializados na arte, na ciência, na agricultura e em variados contextos cotidianos nos territórios. É nesse processo histórico, que os planos individual e cultural se coadunam no desenvolvimento, e muitas vivências e experiências de um grupo se consolidam em significados, passando a constituir socialmente os sujeitos em sua subjetividade. Nesse sentido, a memória torna-se importante instrumento para a manutenção e conservação, mas também para a emergência de novidades em todos os planos de desenvolvimento filogenético, ontogenético, sociogenético e microgenético.

A capacidade do sujeito para conservar e reproduzir as apropriações da realidade se estabelece na memória. Nos trabalhos da psicologia histórico-cultural, os estudos sobre a memória ocorreram principalmente entre os anos de 1929 e 1934 (ALMEIDA, 2020), a partir dos quais concebem dois tipos de memória: uma memória elementar, caracterizada por ser imediata e involuntária; e uma memória superior, mediada, intencional, tipicamente humana. O uso de meios auxiliares pelos humanos, os chamados mediadores semióticos (amplificados pela noção de artefato), foi fundamental para a explicação do desenvolvimento das funções psicológicas superiores, exemplificada naqueles trabalhos sobre memória, liderados por Leontyev (1981).

Nessa perspectiva, a mediação nos processos de memorização, através de artefatos, torna possível uma ampliação das possibilidades de ação no mundo e superação de limitações naturais, ao longo do desenvolvimento ontológico, pela apropriação dos conhecimentos historicamente acumulados por uma cultura e que servem à organização das funções psicológicas, tendo como base o uso de conceitos e abstrações.

Os avanços da neuropsicologia e da neurociência cognitiva têm confirmado (DAMASCENO, 2020), cada vez mais, a estrutura sistêmica e dinâmica da atividade mental e demonstram que cada subtipo de memória é, por sua vez, um complexo sistema funcional, distribuído e dinâmico. Particularmente interessa-nos olhar para o corpo como um todo orgânico que vai além da estrutura cerebral propriamente dita, e que, não obstante, está imerso em territórios desde expectativas sobre esse corpo, na imersão em práticas carregadas de artefatos compartilhados.

Com ênfase e maior relevância nas sociedades sem escrita, entendemos que a transmissão dos hábitos, costumes e tradições depende de sentidos produzidos para ritos, mitos, danças, versos, cânticos. As explicações para a vida nos territórios dependem dessa capacidade de recordar e da produção de sentidos sobre o que é recordado. Mas memorizar não é somente uma tentativa de reconstrução e transmissão do passado às gerações, pois além disso, a memória assume uma função social potencial para a emergência de novidades e processos criativos nos cursos de desenvolvimento. Entre essas novidades, diversos artefatos são criados, sendo possível perceber relações de poder conferidas sobre territórios, corpos e sujeitos, que elegem e recortam artefatos que

são passíveis de recordação, bem como elegem os que devem ser esquecidos. Há aspectos emocionais, afetivos e éticos atrelados aos processos de memorização, que dizem respeito às interações sociais. Isso nos leva às relações intrínsecas entre linguagem, memória e conhecimento, potentes para a reflexão biocultural.

MEMÓRIA BIOCULTURAL, CORPOS E TERRITÓRIOS

Toledo e Barrera-Bassols (2015) se referem à memória biocultural como a forma de disseminação ou transmissão das sabedorias tradicionais, marcada pelo repertório de símbolos, conceitos, percepções, uma extensa e complexa coleção de sabedorias locais que se disseminam através, principalmente, da diversidade biológica, diversidade linguística e diversidade agrícola dos povos tradicionais. Tal memória biocultural passa de geração em geração e por meio de metodologias transdisciplinares e participativas no campo educacional (IBARRA et al. 2022)

Em sua “Matriz dos conhecimentos tradicionais” (p.98), caracterizam as dimensões dinâmicas (de padrões e processos), relacionais (de elementos ou eventos naturais) e utilitária (dos recursos naturais e das paisagens). Esses conhecimentos podem ser organizados em múltiplas escalas, tais como a escala cultural, que abrange o saber de uma determinada etnia ou cultura; a regional, delimitada pelo território histórico e pela natureza culturalizada que o rodeia; a comunitária, que se refere ao espaço apropriado por uma comunidade; a doméstica, delimitada pela área de trabalho de um produtor e sua família; e a individual, restrita ao espaço do próprio indivíduo.

Não explicitam a ideia de uma corporificação dessa memória, mas alertam, em diversas passagens de seus trabalhos, para uma compreensão de mente-corpo como processos unificados.

Nesse sentido, aspectos da memória imediata e implícita, evocados em algumas passagens de nossa história, sem uma produção de sentido claramente mediada, podem ter uma conexão com nossa história passada, não apenas pelas marcações de transmissão oral de artefatos, mas porque existem *no* corpo. Essa corporeidade manifesta em sensações, percepções, emoções, afetos e conceitos que perpassam e se estabilizam em processos corporificados, em relações na natureza, pode ser um elo fundamental capaz de

encontrar vias de explicitação de como nos conectamos, enquanto humanos, à natureza, como mais uma espécie entre as demais. Isso porque a bagagem mnemônica da humanidade tem origens diversas, mas certamente, é marcada também no que foi e é corporificado.

Ao alertar para a face esquecida da memória, Toledo e Barrera-Bassols (2015) advertem para esquecimentos bioculturais como “amnésias”, no que corresponderia o fato de indivíduos modernos, por exemplo, não se admitirem como membros de uma espécie biológica, entre outras, no planeta. A denúncia desses autores é que, entre as diversas ameaças à vida na Terra, a memória da espécie, resultante do encontro entre o biológico e o cultural, estaria sendo seriamente ameaçada pelos fenômenos da modernidade: principalmente pelos processos técnicos e econômicos, mas também por fatores ligados à informatização da vida e ao âmbito social e político.

De uma perspectiva ética biocultural, há sobreposições de poder em como a sociedade global se organizou e estabeleceu categorias que se mostrariam limitadas, sem dar conta da dinâmica relacional e diversidade de espécies que co-habitam a biosfera. Algo como um “narcisismo taxonômico-evolutivo” tal qual aborda Rozzi (2019), que atuaria de modo a fazer preponderar, com supremacia, considerações sobre alguns poucos tipos de animais, sobre outros. Com alerta o autor, na investigação científica atual, bem como estendendo-se nas práticas formais e não formais de educação e na legislação, os vertebrados de sangue quente são super-representados, em detrimento dos vertebrados de sangue frio e dos invertebrados, estes sub-representados (p. 75).

O conceito de território - concebido no diálogo com os movimentos sociais e organizações culturais diversas (ECHEVERRÍ, 2004), e os valores simbólicos dos processos identitários, assim como instrumento de luta e de transformação social dependentes de memória - nos permite um diálogo estreito com a ética biocultural. Atentamos que a discussão sobre a supremacia de alguns corpos com exploração e domínio sobre outros nos territórios, prevalecendo questões de classe, gênero e etnia, amplia-se para o cuidado de outros animais e toda a biodiversidade, transformando o que está posto hegemonicamente.

Sob olhar latino-americano, que rompe com as escalas clássicas da geografia e inclui níveis de escalas mais simbólicos, ideológicos, com as contribuições do pensamento decolonial (PORTO-GONÇALVES, 2006; QUIJANO, 2010), a relação entre corpo e território amplia-se para atingir tanto o sentido de território como corpo, mas também de corpo como território (HAESBAERT, 2020). Essa visão é provocadora e nos leva, a partir das práticas sociais em territórios, a uma libertação das matrizes da ciência moderna, as quais priorizam as propriedades jurídico-políticas dos territórios desde a ação de grupos hegemônicos. Além disso, liberta-nos de mediações sociais centradas em artefatos que explicam a história de uma dada civilização, mas invisibilizam as de outras, em caminhos prenes de artefatos em devir.

Os conceitos de artefato e de memória biocultural são iluminados desde esta visão sobre corpo-território/território-corpo, por realçar os artefatos em movimento, em processos de memorizações de experiências corporificadas, em um emaranhado de sensações, emoções e afetos que se organizam desde e para a vida, no processo de co-habitar territórios com humanos e outros-que-humanos (ROZZI, 2017). Assim nos aproximamos da etimologia da palavra recordar, do latim "recordari", formado por re (novamente) e cordis (coração), em que realçamos um sentido afetivo presente nessa ação, já que em tradições poéticas e literárias, o coração é um órgão associado às emoções. Recordar, como uma ação da memória que traz de volta algo ao corpo, envolvido em emoções.

IMPLICAÇÕES PARA CONTEXTOS EDUCATIVOS BIOCULTURALMENTE DIVERSOS

Entendemos que a discussão sobre memória biocultural e as reflexões teóricas empreendidas neste artigo beneficiam-se mutuamente, com especial ênfase à mediação semiótica e suas implicações éticas nas relações humanas com a natureza nos territórios. Para o reconhecimento de lembranças nos territórios e transformação de relações intra e interespécies, a fim de produzir sentidos que tornem a convivência convergente com a conservação biocultural, sugerimos algumas orientações que implicam em repensarmos as práticas educativas, nas dimensões dos 3H: Co-Habitantes, Hábitos, Habitats (ROZZI, 2016; 2017).

Aos processos formais de educação, caberia à escola o lugar de favorecer pontes com conhecimentos bioculturais dos povos tradicionais que venham à tona de modo explícitos, sendo passíveis de comunicação, para conectá-los aos processos de ensino-aprendizagem formais explicitados em seus espaços. Em direção aos trabalhos de Medina (2002; 2005; 2014), isso provocaria ações mais conscientes pelos estudantes, na construção de saberes que não dissocia as representações prévias, corporificadas e de memórias partilhadas com a comunidade, dos saberes formais explícitos entregues e co-construídos na escola. Assim, o que se aprende na escola possibilita uma verdadeira contribuição para um maior agenciamento ou ação transformadora dos sujeitos em seus territórios e para com seus co-habitantes.

Além disso, compreendemos que, ao explicitar um conhecimento tradicional, este põe-se à sociedade como possível de apropriação, convertendo-se assim em um artefato que venha a autorregular processos bioculturais, em gêneses individuais e coletivas. Ressaltamos, nessa abordagem, o papel social e o lugar da alteridade nos processos educativos, bem como da memória e dos artefatos nesses processos, na relação dialética entre indivíduo/sociedade/natureza/cultura como uma totalidade, sendo cada uma dessas instâncias produto e produtora da outra.

Esses pontos nos inspiram a aprofundar novos estudos e aplicações em territórios diversos, com uma mirada integral dos seres humanos e ações educativas territorializadas corporificadas. Para colocarmos a materialidade do mundo a favor da diversidade biológica e cultural, faz-se necessário resgatar memórias e, a partir delas, construir processos progressivos de explicitação e ligação entre a memória biocultural (por vezes implícita) e o conhecimento científico, tecnológico e global. Um verdadeiro construtivismo com intencionalidade de transformação e promoção de uma ação real ou agenciamento por parte dos aprendizes, que privilegie uma construção fina e criteriosa dos artefatos como pontes (mediações didáticas) entre os diversos saberes; como mediações semióticas.

Mnemosine, na mitologia grega, conhece os segredos da beleza e do conhecimento. De sua relação com Zeus, gera nove musas protetoras das ciências e das artes, potências que inspiram e, como habitantes do Olimpo, estão presentes em toda parte, por tudo saberem: conhecem o presente, o passado e o futuro (REGIS, 1997). Ou, assim

considerada a temporalidade histórica desde uma cosmovisão ocidental, conhecem presente, passado e futuro de uma certa civilização da qual é, enquanto mito, precursora. Estéticas originárias, com base nos conhecimentos de povos indígenas, quilombolas, camponeses e outras comunidades locais nas formas de ser e se relacionar com recursos naturais, podem ser ressignificadas para favorecer processos de reintegração à natureza, em convivências harmônicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S. H. V. Análise teórico-histórica das produções de Vigotski acerca do desenvolvimento da memória. Dossiê: Memória e Sentido, **Cad. CEDES** 40 (111), 2020.

CALLICOT, J. B. **Cosmovisiones de la Tierra**. Um estúdio multicultural de éticas ecológicas desde la cuenca del Mediterráneo hasta el desierto australiano. Ciudad del Mexico: Plaza y Valdes Editores, 2017.

CELIS-DIEZ, J.; MUÑOZ, C; ABADES, S; MARQUET, P & ARMESTO, J.J. **Biocultural Homogenization in Urban Settings**: Public Knowledge of Birds in City Parks of Sustainability. Santiago, Chile, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su9040485>. Acesso em: 30 mar. 2023.

COLE, M. Culture and cognitive development: From cross-cultural research to creating systems of cultural mediation. **Culture Psychology**, 1, 25-54. 1995.

COLE, M. **Psicología Cultural**. Madrid: Morata, 1999.

CRUZ HERNÁNDEZ, D. T. Una mirada muy otra a los territorios-cuerpos femeninos. **Solar**, vol. 12, n. 1, p. 35-46, 2017.

DAMASCENO, B. P. Contribuições dos estudos de autores soviéticos para a psicologia e a neurociência cognitiva contemporâneas. Dossiê: Memória e Sentido, **Cad. CEDES** 40 (111), 2020.

ECHEVERRÍ, J. A. Territorio como cuerpo y territorio como naturaleza: diálogo intercultural? In: Surrallés, A. e García Hierro, P. (orgs.) **Tierra adentro**: territorio indígena y percepción del entorno. Copenhague: Grupo Internacional de Trabajo sobre Asuntos Indígenas. 2004.

HAESBAERT, R. Do corpo-território ao território-corpo (da Terra): Contribuições decoloniais. **GEOgraphia** Niterói, Universidade Federal Fluminense ISSN 15177793 (eletrônico) **GEOgraphia**, vol: 22, n.48, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2020.v22i48.a43100>. Acesso em: 29 mar. 2023.

IBARRA, J. T., CAVIEDES, J., BARREAU, A., PESSA, N., VALENZUELA, J., NAVARRO-MANQUELEF, S., PIZARRO, J. (2022). Escuchando a los abuelos: transdisciplina, aves y gente para cultivar la memoria biocultural. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, 20(3), 1-22. <https://dx.doi.org/10.11600/rlcsnj.20.2.4861>

LEONTYEV, A. N. D. The development of higher forms of memory. In: LEONTYEV, A. N. **Problems of the development of the mind**. Moscow: Progress, p. 327-364. 1981.

MARSICO, G. E VALSINER, J. **Beyond the mind**: Cultural dynamics of the psyche. Charlotte, NC: Information Age Publishing. 2018.

MEDINA, L. How to access the conceptions and theories that underlie teaching practices? A theoretical-methodological reflection based on dialogic discourse analysis / ¿Cómo acceder a las concepciones y teorías que subyacen a las prácticas docentes? Una reflexión teórico-metodológica desde el Análisis dialógico de los discursos, **Cultura y Educación**, 26:3, 603-616, 2014. DOI: 10.1080/11356405.2014.965448

MEDINA, L. ¿Qué gramática se aprende de la gramática que se enseña?: El contínuo implícito-explicito en la construcción del conocimiento lingüístico-gramatical. **Tesis doctoral**. Universidad Autónoma de Madrid, Departamento de Psicología Básica, 2005.

MEDINA, L. ¿Para qué aprender gramática en la escuela? Puentes entre la abstracción del análisis y la comunicación cotidiana. **ONOMAZEIN** 7, p. 183-212, 2002.

OLIVEIRA, M.K.; REGO, T.C. Vygotsky e as complexas relações entre cognição e afeto. In: ARANTES, V.A. (Org.) **Afetividade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2003.

PORTO-GONÇALVES, C. W. “A Reinvenção dos Territórios: a experiência latino-americana e caribenha” en Ceceña, Ana Esther (Org.) **Los desafíos de las emancipaciones en un contexto militarizado**, CLACSO, Buenos Aires, 2006.

POZO MUNICIO, J.I. **Humana mente**: el mundo, la conciencia y la carne. Madrid, Morata, 2001

PIZZINATO, A. Psicología cultural. Contribuciones teóricas y fundamentos epistemológicos de las aportaciones de Vygotsky hacia la discusión lingüística de Bakhtin. **Universitas Psychologica**, V. 9 N°. 1 Enero-Abril, 2010.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: B.S. Santos e M. Meneses (eds.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez. 2010.

REGIS, F. Memória e Esquecimento na Grécia Antiga: Da Complementaridade à Contradição. **Logos Comunicação e Universidade** (Comunicação e Memória), Rio de Janeiro: Faculdade de Comunicação Social UERJ, n. 7, p. 20-24. 1997.

ROZZI, R. Apresentação. In: CALLICOT, J. B. **Cosmovisões de la Tierra**. Um estúdio multicultural de éticas ecológicas desde la cuenca del Mediterráneo hasta el desierto australiano. Ciudad del Mexico: Plaza y Valdes Editores, 2017.

ROZZI, R. ¡Chovinismo Taxonómico, No Más!: Antídotos de Hume, Darwin y la Ética Biocultural. **Environmental Ethics**. 41. 73-112, 2019.

ROZZI, R. Bioética global y ética biocultural. **Cuadernos de Bioética**. Volume XXVII, 2016.

TAURO, A.; OJEDA, J.; CAVINESS, T.; MOSES, K.P.; MORENO-TERRAZAS, R.; WRIGHT, T.; ZHU, D.; POOLE, A.K.; MASSARDO, F.; ROZZI, R. Field Environmental Philosophy: A Biocultural Ethic Approach to Education and Ecotourism for Sustainability. **Sustainability**. 13, 4526, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su13084526>. Acesso em: 30 mar. 2023.

TOLEDO, V. E BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural**: a importância ecológica das sabedorias tradicionais. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

VAN DER VEER, R. E VALSINER, J. **Vygotsky**: Uma síntese. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

VIGOTSKI, L. S. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

SOBRE AS AUTORAS:

Flávia Mendes de Andrade e Peres

Doutora em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora Associada da UFRPE e do Programa de Pós-Graduação Educação, Culturas e Identidades (UFRPE/FUNDAJ), E-mail: flavia.peres@ufrpe.br; <https://orcid.org/0000-0002-3769-8110>

Lorena Pia Medina Morales

Doutora em Psicología del Aprendizaje e Instrucción, Universidad Autónoma de Madrid. Diretora alterna e investigadora principal do Cape Horn International Centre (CHIC). Professora associada da PUC-Chile. E-mail lmedina@uc.cl; <https://orcid.org/0000-0003-1157-5670>

Agradecimentos: Este artigo foi escrito no contexto das investigações em Cape Horn International Center (CHIC) ANID/BASAL FB210018.